

Publica-se ás quartas-feiras e sabbados, á rua de S. José n. 20, onde tratam-se as publicações e mais negocios relativos ao mesmo

EXPEDIENTE

Cidade de Trampolinopolis, bordo do CORSARIO, 1 de Outubro de 1880.

Officio á Illma. camara municipal, chamando á sua attenção para o pessimo estado em que se acha a subida que, da rua do General Pedra, atravessando a cancella da estrada de ferro, vai para á rua da America.

— Ao fiscal da freguezia do Sacramento, ordenando-lhe que, quanto antes, faça remover uma enorme pedra, que, ha mezes, acha-se sobre o lagedo na rua da Conceição.—Cumpra.

CORSARIO

CORSARIO! Eis, leitores, um nome para um periodico, que a primeira vista vos causará surpresa, se não temor.

Mas, tudo se explica:

Depois do descalabro enraizado que germina assombrosamente na nossa sociedade, correndo a escala social sem distincção de classes; depois do horror ao trabelho, causa mais poderosa para o ennobrecimento do homem e exaltação do paiz; depois que vimos uma multidão de individuos constituídos em «piratas», fazendo presas por todos os modos, no intuito de fazer fortuna, ou de viver no ocio, ou mesmo levados por máus instinctos— resolvemos de alguma sorte concorrer para o exterminio de tão prejudiciaes parias.

Foi, pois, para combater a «pirataria» que se apparellhou o CORSARIO.

O navio é pequeno, bem o sabemos; mas elle não acompanhará Ricardo Saunders, quando diz que as pequenas náos não devem tentar o mar alto. Não, o CORSARIO será o terror dos «piratas» dos

mares e cidade de Trampolinopolis, quer elles busquem o alto mar ou as costas, quer os bancos ou recifes.

Seremos, como diz Chateaubriand: Doutor com doutor, poeta com poeta.

Os homens probos e honestos dignos da sociedade têm abrigo na camara do CORSARIO, onde serão recebidos com affabilidade e consideração.

Nada têm que temer.

A officialidade do navio que hoje tão arrojadamente sulca as aguas, sabe differenciar o joio do trigo.

Respeitador da intelligencia que tem por apoio a honra, o CORSARIO só atacará os traficantes.

Os delapidadores do erario, os parasitas que sugam a seiva da sociedade, os politicos que mentem ao povo e á nação, emfim, toda a casta de «piratas», serão perseguidos, ainda mesmo que construam um novo Gibraltar e nelle se refugiem.

Além do dialecto de bordo, com que serão tratados, do calabrote do muxingueiro, dos pares de machos, do gancho, das peças de grossos calibres com que está guarnecido o navio, dos torpedos, do esporão de prôa—serão atirados a execração publica.

Esta é a tarefa do CORSARIO.

E se um dia nublarem-se os horisontes, e chegarmos a apanhar terrível procella na qual sossobre o navio, saberemos morrer no nosso posto de honra.

Mas, não serão pequenas borrascas, nem tiros de reductos, ou ameaças de «valientes» que farão o navio naufragar.

Assim fica, pensamos, exuberantemente definida a posição do CORSARIO, na imprensa.

À PROA

Aos Srs. gerentes das companhias de bonds, pedimos que façam cessar a grande irregularidade com que é feita a cobrança nos mesmos bonds.

E' uso inveterado nos conductores só darem troco depois de realizada toda cobrança, ou quando reclamado pelo passageiro, resultando dahi, muitas vezes, duvidas e altercações.

Não conhecemos a razão porque o conductor não dá o troco em acto continuo ao pagamento, a não ser com o fim de dolosamente embair o passageiro, que acontece saltar do carro sem se lembrar que tem troco a receber.

Ainda mais grave torna-se este facto—quando o passageiro reclama troco e o conductor diz-lhe:—o senhor não tem troco, pois, o que me deu foi somente a importancia da passagem!

Ora, o passageiro que tem certeza que deu, por exemplo 2\$, e que vê assim prejudicado o seu bolso, e posta em duvida a sua palavra, vocifera; e como quasi todos os Srs. conductores primam pela «lanheza» do trato, e nem sempre querem estar pelo testemunho de outros passageiros, travava-se uma discussão bem pouco apreciavel.

Pôde dar-se o caso de que o passageiro esteja enganado ou o conductor esquecido, mais isso é ainda maior razão para que não continue tal processo de cobrança, na sua forma todo irregular.

O que deixamos dito é conhecido por todos, e por ninguem poderá ser contestado.

Dos Srs. gerentes esperamos providencias.

E' irrisorio vêr a forma por que nesta infeliz cidade se menospreza ás leis em vigor.

Não ha muito tempo que um ministro de Estado, fosse porque

fosse, prohibiu os vigesimos de bilhetes de loteria.

Vejam, entretanto, o que acontece.

Os vendedores de bilhetes, por conveniencia propria, deram em fazer por sua conta os taes vigesimos, dando em pedaços de papel (manuscripto), a que chamavam «cautelas», o numero do bilhete e da loteria, e o nome da casa.

Estas cautelas eram vendidas occultamente.

Mas, como é sabido que a policia não se occupa com «ninharias», expozeram-as nas vidraças.

O negocio tornou-se rendoso, e com a certeza de que ninguem os encommoariam por exercer um commercio tão «licito», imprimiram as cautelas.

Se o Sr. Dr. chefe quizer verificar o que dizemos, é facil. Nas vidraças de alguns kiosques e casas de bilhetes, nas mãos dos vendedores volantes, ellas se encontram.

Está ou não em vigor o decreto do Sr. Silveira Martins?

O que não resta duvida é que as cautellas são muito mais prejudiciaes que os vigesimos.

Ha cambistas que dividem um bilhete em 30 e 40 partes, que vendem a 1:100 cada uma!

Dahi resulta: se na extracção o bilhete é sorteado com pequeno premio, elles pagam; mas se o premio é avultado, elles ou desaparecem ou choram as maiores desgraças.

De toda a forma quem compra cautelas só pôde ficar desacauzelado.

Fiquem, pois, conhecendo mais este modo de esbulhar o Zé Povinho.

Durante 10 annos de ostracismo vimos um dos nossos politicos a distribuir abraços e a proclamar a soberania do povo.

Passaram-se os tempos e com elles mudaram-se as cousas.

Quem o vê hoje não diz que o mesmo «cara-pannada.»

E' caso de dizer-se :

« Quem quizer ver o villão, metta-lhe o cabo na mão. »

Compassadamente faremos conhecido da população fluminense, quem foi, quem é e quanto vale esse gola bordada, não deixando esquecer os seus celebres actos antes do ostracismo, no ostracismo e na ascensão ao poder.

Tambem não nos passará despercebido a sua posição na imprensa e nos meetings, o palanque da Sé e a corôa de papelão.

Confrontaremos o seu passado com o presente, quem quizer classifique.

Politico machiavelico ! Sofrerás o golpe de prôa do Corsario, que dâves sentir mais que a «poeira da estrada. »

Muxingueiro !

— Prompto, capitão.

— Vai á ilha de S. Jorge e procure na rua de S. Albino n. 19, um tal Santos dono de uma espelunca de jogo ; traga-o a minha presença que quero ajustar-lhe contas.

— Fique descansado, capitão, nestes tres dias elle estará aqui.

Bem triste é o espectáculo que pela manhã e á tarde apresenta algumas ruas desta côrte.

Uma immensidades de raparigas crioulas, pardas, e até brancas, que tiveram a infelicidade de nascer neste paiz, são conduzidas em bando para o mercado humano.

Parecem boiadas que seguem caminho do matadouro.

Quem vê aquelles rostos lividos, attestando o que soffrem no moral, não pôde duvidar que este paiz nada tem de civilizado nem de humano.

Estamos em completa barbaria.

As luzes do seculo ainda não espargiu os seus raios até nós.

Ha pouco, foi rejeitado na câmara temporaria um projecto do illustre abolicionista Joaquim Nabuco. E o paiz não manifestou se descontente com esse procedimento da saraivada-dantina.

E' que o povo está atrophiado pelo indifferentismo.

Mas, Sr. Dr. chefe, ao menos para salvar as apparencias, cohiba que o publico, principalmente os estrangeiros, estejam todos os dias

a ter provas de que o Brasil só pôde ser comparado a Siberia.

Do zelo de V. Ex. esperamos providencias.

Capitão! capitão! ó capitão!

— O que quer comigo, senhor?

— Venho communicar-lhe proezas de um subdelegado.

— Meu amigo, dirija-se ao chefe de policia, que é quem pôde refreá-lo.

— Pois bem: vou até lá, mas...

— Mas o que? Desembuche, homem de Deus.

— Para que?

— Quero saber.

— Ora, o capitão não disse que não é comsigo!

— Oh homem! deixe-se de piegas. Se quer diga; porque se for caso da minha alçada mandarei pelo muxingueiro chamá-lo a falla; se não, recommendal-o-hei ao digno Dr. chefe de policia em quem encontrarás punição para as auctoridades refractarias.

— Ah! por que não me fallou assim, ha mais tempo?!

— Bem, vamos ao caso.

— Pois, lá vai obra.

— Recommendolhe que seja circumspecto, pois sou muito inimigo de rectificações.

— E' como eu, capitão, por isso só digo a verdade nua e crúa.

— Um... dous, entre.

— Em um 2º districto de uma das freguezias da cidade de Trampolinopolis, ha um subdelegado, que vive amasiado com certa Emilia Maria. a qual...

— Diga-me, onde ella mora?

— Nem pelo Senhor dos Passos lhe direi isso.

— Oh!... Não gosto de mysterios

— Não é mysterio, mas nem tudo se diz.

— Então, para que procurou-me?

— Vá ouvindo, capitão.

— E de que freguezia é o tal subdelegado?

— Juro-lhe, capitão, pelo Santissimo Sacramento, como guardarei segredo nestas cousas.

Só digo-lhe o milagre, o santo não é capaz.

— Ca... ca... ca...

Com o que havia eu hoje encontrar-me! Forte carola. Leva todo o tempo a fazer juras.

Diga, senhor, que me está aborrecendo.

— Como ia dizendo, a tal Emilia por esse facto julga-se superior a tudo e a todas, e toca a insultar as demais filhas de Santo Onofre, sem motivos que se possam justificar.

E sabe depois o que acontece.

— Não.

— Pois, eu lhe digo.

Manda o tal subdelegado prendel-as!!!

— E elle prende-as?

— Se prende? Oh! se prende-as!

— Então isto é um facto gravissimo.

— Espere, capitão; vá ouvindo.

— Quero saber do nome desse individuo que abusa do seu mandato de auctoridade em desforço de uma messalina.

— Isso nunca! preferia morrer na guerra dos Nunes, ainda que uma bala atravessasse-me a «costa», a fazer tal revelação.

— O caso é grave, é. Mas a vista de tanto sigillo que poderei fazer?

Não tem pressa, deixe-me continuar.

— Não, isso não. Vê ali quanta gente me espera, as quaes trazem queixas de toda a sorte contra milhares de individuos de Trampolinopolis!

— Vou acabar, já que tem pressa, mas prometto-lhe que brevemente estarei aqui com mais amplas informações.

— Vá com Deus.

— Falta alguma cousa ainda.

— Abrevie isto, homem mysterioso.

— Sim.

E quando alguma das que vivem sob a sua valiosa protecção soffrem qualquer cousa, eis em campo o nosso subdelegado.

De ta forma, capitão, está a lei entregue a um malsim, que a exerce conforme a vontade de uma mulher vil.

E' certo que se a auctoridade superior não tomar serias providencias com um individuo de tal quilate, em breve nada valerá a policia.

— Se o capitão admira-se de taes cousas é porque não sabe de que esse typo é um individuo sem eira nem beiram, levado ao cargo que

igminiosamente occupa por caprichos partidarios.

— Basta. Estou horrorizado.

Muxingueiro! agarre o patife do tal subdelegado, e depois do passal-o pelas provas do porão leve-o para á rua do Lavradio.

AGIOTAGEM

Merece, julgamos, séria attenção da policia este meio de fazer fortuna, a custa dos que de uma hora para outra tem necessidade de algum dinheiro.

Esta especulação está hoje tão espalhada por Trampolinopolis que, se fosse preciso, não nos seria difficil apresentar dezenas desse saltibancos que vivem, gosam e enriquecem com o suor do pobre.

Não é raro encontrar-se individuos que emprestam dinheiro sob fiança a 10, 20, 30 e até 40% ao mez.

Verdadeiros piratas, elles só exigem como fiança a firma de pessoas estabelecidas, tendo o cuidado de ao entregar a quantia pedida descontar o juro, ou então adicional-o a letra como dinheiro recebido.

E ai do infeliz que, no prazo estabelecido, não os satisfazem.

Ali não ha clemencia.

Aquelles corações imperdidos, só movem-se com o tinir da moeda.

As lagrimas da viuva, os lamentos do pai de familia, o gemer do enfermo, o infortunio do desgraçado, são gottas d'agua calidas no oceano. De nada servem; nada os demovem.

Não menos perigosos, são os agiotas emprestam dinheiro sob penhores.

Nestes então vê-se o cynismo em todo o seu auge.

O dinheiro emprestado é sempre pela decima parto do valor do objecto apresentado.

O juro é excessivo. De sorte que em poucos mezes chega á quantia pedida.

Acontece, porém, que ness tempo chega o dono do objecto quer retirá-lo. Então, diz o agiot com um riso sardonico: senho já perdeu o direito que tinha sobre a sua joia, e eu, para reembolso do meu dinheiro, vendi-a a preço com prejuizo.

Responda-nos o Zé Povinho,

gam-nos as victimas se é ou não verdade o que aqui avançamos.

Perguntamos :

A policia não tem conhecimento destes factos ?

Não ha na lei cohibação para elles ?

Não temos tambem lei que regula os juros sob emprestimos ?

Que nome poderá se dar a tanto desleixo por parte das auctoridades de Trampolinopolis ?

Não seremos nós, por certo, que o classifique.

Está no dominio de todos que o o corpo de urbanos não preenche ás funcções para que foi criado.

O nome urbano que lhe deram como typo de prudencia e cortezia, é um mytho.

Entre nós o urbano é um grão-sultão.

Provoca, insulta e mette o fardango.

Quem ainda não viu uma prisão realizada por elles é que não poderá avaliar o seu poderio.

O que nos admira é que sendo reconhecido pelas pessoas competentes para melhorar este estado de cousas,— que o corpo de urbanos é sem prestigio e moralidade,—inda não se lembrassem de substituil-o por uma policia capaz da consideração publica !

Contestem-nos que replicaremos.

Por que nos dias de festa popular são os urbanos substituidos pela tropa de linha ?

A resposta é a prova cabal do que fica dito.

Entretanto, um prestímo elles têm, que não pôde ser contestado: o de pegar escravos fugidos, pela promessa de gratificação.

Se um dia apparecesse um chefe de policia que quizesse moralizar á cidade de Trampolinopolis, acabando os vagabundos e parasitas que vivem á custa de mulheres publicas, ter-se-hia de desfazer quasi todo áquelle corpo.

Com elle assemelha-se muito os policias secretas.

Sabemos que quando a policia tenta qualquer diligencia contra pessoas de quem pôde escorregar alguns cobres, são elles que a denuncia a troco de gorgeta.

Socios e interessados nas casas de jogo, belchior e prostitutas, auferem lucros com que não se conseguem milagrosamente.

Por sua parte os proprietarios de taes casas contam com a impunidade e poder para tudo fazer, ainda mesmo contra a lei.

Assim está assentado que o urbano e a policia secreta fazem parte dos potentados desta terra.

Sempre que houver occasião o CORSARIO irá mettendo a prôa nestes «piratas».

Parece que a civilização e moralidade retiraram-se da cidade de Trampolinopolis para dar logar as acções torpes e vis.

Uma cidade onde o progresso tem germens, e a moralidade asylo, não pôde tolerar casas, cujo fim não estejam de accordo com a civilização.

E de casas de alugar commodos por hora que nos referimos.

A cidade está infestada por esses antros de prostituição.

Não podemos acreditar que a policia não tenha dellas conhecimento, nem que as julgue necessarias ou innocentes.

Em todo o caso, chamamos a sua attenção e aguardamos providencias.

Quando, ha dias, vimos o Sr. Dr. chefe de policia, ás 2 horas da noite, vistoriando o jardim da praça da Constituição, e presenciando pessoalmente o que por ali vai, julgamos que em breve elle seria fechado logo as 10 horas da noite.

Enganamo-nos.

Aquelle fóco de immoralidades continúa, como d'antes, a ser abrigo dos vagabundos, que ajudados pela sombra das arvores e falta de luz que ali ha, presta-se a scenas indecorosas.

Não é sómente o vagabundo que tira partido daquelle logar.

Ha na cidade de Trampolinopolis uma classe de individuos que bem merece a attenção da policia.

Referimo-nos aos que, contrariando a natureza que os criou homens, transformam-se em «lobos e cordeiros,» e vão para aquelle logar fazer correrias.

Do zelo e criterio do Sr. Dr. chefe é de esperar que venha algum remedio para a verdade que acabamos de expôr.

CASAS DE TAVOLAGEM

Um ponto para onde deve convergir as vistas do Dr. chefe de policia é para esses antros.

Uma parte da nossa sociedade tem-se deixado arrastar pelo jogo.

A impunidade com que contam os donos destas casas, os enormes lucros que usufruem, a vida folgada que passam, tudo levam-os a não procurar no trabalho licito e honroso o necessario para viver.

E o que vemos ? Aqui, na côrte, onde a policia devia reduplicar na vigilancia dos actos por lei do paiz prohibidos, uma rua quasi inteira occupada por jogadores, que levam o seu arrojo a agarrar os transeuntes !

Não será isto um menoscabo á policia, na pessoa de seu chefe ?

Se andarmos mais alguns passos até á praça da Constituição, vemos casas que na frente occupadas por meretrizes, no interior está a banca do monte, dos dados, do vispora, etc., etc.

Accresce dizer, Sr. Dr. chefe, que estas casas têm agentes incumbidos de levar incautos e inexperientes que na occasião estejam com dinheiro, ainda que seja alheio.

E a esta hora quantas familias soffrem os horrores da fome porque os seus chefes, levados pela ficticia esperanza de lucros fabulosos, ficam sem o fructo do trabalho quotidiano !

Quantos vagam pelas ruas desempregados e desacreditados por causa do jogo !

Quantos gemem nas prisões por crimes que commetteram, levados por esse negro vicio !

Pedimos a V. Ex. um paradeiro para isso. Nós seremos atalaia sempre activo na denuncia destas casas, e brevemente faremos publical-as com o nome da rua, numero que tiverem e, se necessario fôr, tambem o nome dos proprios donos.

Somos informados de que certo carroceiro, para pagar beneficios que recebeu de um commandante de estação de urbanos, promove um abaixo assignado, pedindo ao chefe de policia que se reintregue na estação do districto dos signatarios o referido commandante.

Consta-nos tambem que esse official fôra removido por causa de tropelias que fez.

Como as informações que temos não nos satisfazem perfeitamente deixamos para no proximo numero tratar da questão.

Sr. immediato !

— Prompto, capitão.

— Vá á Coimbra e informe-se sobre o que ha a respeito do carroceiro e do commandante da estação de urbanos.

Á RÉ

Quanto gastará desta vez em papel e envelopes para a sua secretaria o gato-marisco ?

«O cara d'anta».

NO TOMBADILHO

PARTICULARIDADES PHYSICAS DE ALGUNS HOMENS CELEBRES

O autor anonymo dos «Nugæ venales» (1663, in 12), livro que teve diversas reimpressões, occupou-se de um bom numero de proposições chistosas, entre as quaes a seguinte: «Qual é o melhor nariz?»

— «O grande, responde elle proprio. Veja-se o retrato de todos os imperadores romanos. O nariz de Numa tinha meio pé de comprimento, o que fez que lhe dessem o sobrenome de Pompilio, como se dissessem— um nariz superlativo. No dizer de Licurgo, Plutarco e Solon, tiveram a mesma vantagem, assim como todos os reis da Italia, com excepção de Tarquinio o Soberbo: por isso tambem foi este deportado. Um grande nariz é sempre um caracteristico de sabedoria, e a prova disso é o de Homero, que tinha sete pollegadas. Dahi estes dous proverbios — que os homens prudentes sentem de longe, e os tolos não têm nariz.

«Os grandes narizes, diz Vigneul-Marville, recebem homenagem em todo o mundo, excepto entre os chinezes e tartaros. Os narizes chatos desagradam e são de máo agouro. O da condestavel Anna de Montmorency era achata-do, e chamavam-no na côrte— «o rombo de Montmorency». O do

duque de Guise, filho do que foi morto em Blois, era tambem chato; e conheci um fidalgo que, tendo singular veneração pelas duas casas de Guise e Montmorency, não podia, entretanto consolar-se de haver nella dous narizes rombos, como se este defeito lhe diminuise o lustre. »

Já que decididamente os narizes grandes são os melhores, é incontestavel que os de Tito-Livio, Ovidio, Ange Politien, Carlos Borromeu, Leoni de Ancona, presidente da Academia della Virtù no decimo sexto seculo, Camões e do escriptor inglez Kett deviam ter feito muitos inyejosos.

O mesmo não poderia ter succedido com o de Beraudo II, delphim d'Auvergne, chamado o conde chato, nem com o de Guilherme de Orange, « o nariz curto », celebrado em tantos romances de cavallaria.

Francisco, duque d'Alençon, irmão de Henrique III, tinha sido tão affectado pela variola, que o seu nariz ficara dividido em dous. Por isso, depois da perfida e infructuosa tentativa que fez, em 1583, para apoderar-se, á custa de seus alliados os flamengos, da cidade de Anvers, fizeram-lhe este epigramma, reperido por l'Estoile:

Flamans, ne soies estonnés
Si à François voiés deux nés ;
Car, par droit. raison et usage
Fault deux nés à double visage.

O nariz de Cyrano de Bergerac tomara taes dimensões que seu dono andava a cada mometo de espada em punho para castigar os inselentes que atreviam-se a olhalo mais demoradamente.

Os leitores que desejarem conhecer a fórma do nariz de diferentes artistas não têm mais que consultar a « Vita di Pittori » (Roma, 1732). O autor, Pascoli, deu a este respeito informações as mais exactas.

Mme. de Genlis, dotada de um nariz todo diverso do das precedentes personagens, considerava-o um nariz modelo, a julgar-se por algumas passagens de suas Memorias. Tendo-lhe feito o gravador um nariz aquilino em uma medallha cunhada em honra sua: « Será este aquelle narizinho retorcido? exclama ella... Esse nariz foi

cantado em prosa e verso... Era muito delicado, e em verdade o mais gentil do mundo... e como todos os narizes deste genero, tinha uma pequena corcova; a ponta tinha... essas pequenas facetas que os pintores chamam — planos. » E fazia em seguida, com o pretencioso espirito que a caracteriza, a historia da decadencia de seu nariz.

Vigneul-Marville emittiu algumas idéas bem originaes sobre a configuração do rosto humano.

« Com razão admira-se, dizelle, que de tantos homens que ha no mundo não haja talvez dous de rostos inteiramente parecidos; mas deixam passar desapercibida outra cousa tambem maravilhosa, e é — que cada rosto é formado de maneira que, por mais feio que nos pareça, a menos que não seja desfigurado por algum accidente, nada se lhe poderá mudar no intuito de aformoseal-o sem o tornar disforme; por isso que ainda nas fealdades que produz observou a natureza uma simetria tão exacta que não se pôde razoavelmente achar o que dizer. Por exemplo, se se pretendesse alongar um nariz chato, affianço que não se faria

cousa que prestasse, porque o orgão deixaria de estar em symetria com diversas partes do rosto, que, sendo de um certo tamanho e tendo determinadas saliencias ou profundidades, pedem um nariz proporcionado. Assim, conforme certas regras perfeitas em si mesmas, um nariz chato deve ser irremediavelmente chato, porque o semblante que o tivesse viria a ser um monstro se lhe pozessem um nariz aquilino.

« Eu digo mais: digo que é as vezes tão necessario que um homem não tenha nariz como é necessario, na ordem toscana por exemplo, que não tenha voluta o capital da columna. E' um bello ornamento, como a voluta na ordem jonica ou corinthia, mas seria um monstro, uma irregularidade na ordem toscana.

« Um nariz pequenino, olhos pequenos, boca larga, que ordinariamente nos desagradem, pertencem a uma ordem de belleza, que pôde não ser do nosso gosto, mas não o devemos condemnar, por-

que depois de tudo é uma ordem que tem suas regras, as quaes não nos cabe destruir. São tão constantes estas regras que só pelo perfeito conhecimento que dellas têm os mais habéis desenhadores é que pôde tornar tão parecidos os retratos que pintam ao natural. E é o que queria dizer o incomparavel Nanteuil quando gabava-se de apanhar sempre a similhaça e de haver traçado para isso regras segurissimas. Ouvia-lhe sempre afirmar que ha certos traços do semblante que convém attentamente considerar, por isso que servem de bitola a todos os demais; e que, uma vez com exactidão desenhados estes traços, tudo o mais obtem-se facilmente. Perguntei-lhe um dia se lhe seria possivel pintar uma pessoa ausente pela descripção que eu lhe fizesse.

« Sim, respondeu-me; comtanto que fosseis bastante habil para responder com exactidão o que eu vos perguntasse: nisto consistê todo o segredo de minha arte. »

E basta quanto ao nariz.

(Continúa.)

Um desses janotas, parasitas da sociedade, que tanto abundam nas grandes povoações, levantou-se um dia da cama com uma fome devoradora, mas sem ter se quer um real de seu. Ora a fome torna o homem inventivo e o nosso « dandy » possuia uma imaginação fertil. Sahe, pois, de casa, entra em uma confeitaria, e dirigindo-se ao caixaheiro pergunta:

— Vende empadas?

— Vendo, sim senhor.

— Quanto custa cada uma?

— Cem réis.

— Queira ter a bondade de me vender uma duzia dellas e de m'as embrulhar bem n'um papel.

Depois de embrulhadas, o janota mette a mão no bolso. Suspende-se, porém, e pergunta de novo ao caixaheiro:

— Qual é o preço de cada pastel que além vejo?

— Cem réis, tal qual como as empadas.

— Oh! então faça-me o favor, se lhe não causa incommodo, de me trocar as empadas pelos pasteis porque na verdade gosto muito mais delles do que das empadas.

— Essa é boa. Não me causa incommodo algum.

— Effectuou-se a troca; e em acto continuo, aproxima-se esfaimado a uma banca, e devora n'um instante todos os pasteis. Depois de bem saciado, prepara-se para sahir quando o caixaheiro, chegando-se a elle, lhe diz:

— V. S. ha de perdoar-me mas...

— Mas, o que?

— Esqueceu-se de me pagar os pasteis.

— Essa agora é que é melhor! Pois, eu não lhe dei em troca empadas?!

— Mas é que V. S. tambem me não pagou as empadas.

— Como queria você que lh'as pagasse se as não comi!

— Porém, comeu os pasteis e não m'os pagou.

— Por isso lhe dei em troca as empadas. Você parece-me tolo!

— Entretanto...

— Entretanto o que?

O pobre caixaheiro já não sabia onde tinha a cabeça, transtornada lh'a pozera o janota com este embroglio de palavras. Por isso, levando as mãos á cabeça disse ao freguez:

— Olhe, sabe que mais? Faça favor de se retirar, porque aliá dóu em doudo. Safe-se não me deve nada.

— Mas veja lá, homem. Considere bem, e achará que não vim aqui com intenções de o illudir.

— Vá-se embora: já lhe disse. Não me deve nada.

— Retiro-me, mas vou esperando que me fará a justiça que mereço...

Começa-se a jogar por entretenimento, continúa-se, por avareza e termina-se por paixão.

Somos forte pela virtude, fracos e covardes pelos vicios e crimes.

O desejo da gloria litteraria de todas as ambições a mais innocente, sem ser todavia a menos laboriosa.

Dizia Mirabeau que em toda Inglaterra só havia de polido e de fructas maduras as lanchas cosidas.